Diretores estreantes

Em 1978, preocupado com a falta de renovação do cinema brasileiro, Carlos Diegues perguntava: "Onde estão os jovens cineastas deste país?" Dez anos depois ele identificaria "vitalidade e renovação" nos sete longas-metragens — três de diretores estreantes — concorrentes ao XVI Festival do Cinema Brasileiro de Gramado.

A indagação do diretor de *Um Trem Para as Estrelas* começa a obter resposta logo no início da década: entre 1980 e 1983 trinta cineastas estrearam na direção de um longa-metragem de ficção, entre eles Tizuka Yamasaki, Sílvio Tendler, Sérgio Rezende, Marco Altberg, Sérgio Bianchi, Guilherme de Almeida Prado, Djalma Limongi Batista, Fábio Barreto, Paulo Sérgio Almeida, Ivan Cardoso, Hermano Penna e Chico Botelho.

No período de 1984 a 1988 mais quarenta cineastas superaram as dificuldades e pela primeira vez vivenciaram a experiência de dirigir um longa-metragem.

Essa média de oito diretores estreantes por ano deverá ser mantida em 1989: três cineastas estão finalizando seus primeiros longas-metragens — Maria Letícia (*1º de Abril Brasil*), Silvio Autuori (*Rato Rei*) e Nuno César de Abreu (*Corpo em Delito*) — e pelo menos oito iniciarão as filmagens brevemente — Walter Salles Júnior (*A Grande Arte*), Ney Santana (*Viva a Vida*), Maurício Farias (*Duas Irmãs*), Fred Confalonieri (*Mais que Nada*), José Américo Ribeiro (*O Mistério do Cinco Estrelas*), Henrique de Freitas Lima (*Lua de Outubro*), Berenice Mendes (*O Drama da Fazenda Fortaleza*) e Ricardo Miranda.

Esta edição reúne os depoimentos de 27 cineastas que nos últimos cinco anos estrearam na direção de um longa-metragem de ficção em 35 milímetros. Os outros treze diretores estreantes desse período são: Ivan Kudrna (*Diacuí*, 1984), Francisco de Paula (*Areias Escaldantes*, 1985), Sérgio Amon (*Aqueles Dois*, 1986), Caetano Veloso (*O Cinema Falado*, 1986), Araken Vaz Galvão (*Yamar Mayu*, 1986), Henfil (*Tanga — Deu no New York Times?*, 1987), João Elias Júnior (*Johnny Love*, 1988), José Alvarenga Júnior (*Os Heróis Trapalhões*, 1988), Anna Penido (*Super Xuxa Contra o Baixo Astral*, 1988), Isay Weinfeld e Márcio Kogan (*Fogo e Paixão*, 1988), Alain Fresnot (*Lua Cheia*, 1988) e Walter Rogério (*Beijo 2348/72*, 1988).

Os diretores estreantes dos anos 80 revigoram um segmento da cultura brasileira que desde a eclosão do cinema novo na primeira metade da década de 60 não revelava conjunto tão expressivo de novos cineastas.

Seus depoimentos traçam um panorama da produção cinematográfica brasileira e mostram as condições existentes para a realização do primeiro longa-metragem. Relatam as dificuldades, as angústias e o processo de criação. Uma análise destes depoimentos oferece subsídios para uma reflexão sobre o cinema brasileiro dos anos 80.

Enquanto os diretores do cinema novo estrearam com cerca de 26 anos, esta nova geração de cineastas realiza seus primeiros longas-metragens com a idade média de 35 anos. "Quando a minha geração ia eclodir — lembra Murilo Salles — baixou o AI-5, drogas, loucura, paranóia, suicídio. Foi barra-pesada para nós. Adiei por dez anos minha estréia como diretor". Adiamento que os novos cineastas aproveitaram para desenvolver um intenso e diversificado aprendizado através das escolas de Comunicação, realização de curtas-metragens, trabalhos de assistência de produção e direção, montagem, direção de fotografia etc. Experiências em super 8 e em filmes publicitários e a influência da televisão evidenciam a formação da maioria destes diretores que emergem na década de 80. "A minha geração — compara Rodolfo Brandão — é audiovisual, não teve a formação literária do cinema novo".

Inexiste uma proposta estética comum aos filmes destes novos cineastas, apesar de certas afinidades observadas em algumas produções paulistas. Mas percebe-se que a temática de parte significativa desses longas-metragens focaliza o jovem, a busca de identidade e a trajetória percorrida nos anos 70. São obras às vezes definidas como pessoais, com o olhar voltado para a geração do realizador e que revelam o talento de jovens atores como Roberto Bataglin, Fernanda Torres, Marcélia Cartaxo, Ana Beatriz Nogueira, Guilherme Fontes, Malu Mader e Marcos Breda, entre outros.

Alguns trechos destes depoimentos evocam o entusiasmo e a determinação de fazer cinema no Brasil que impulsionaram o pioneiro Eduardo Abelim — tema do longa-metragem *Sonho Sem Fim* do diretor estreante Lauro Escorel Filho.

Em 1967 Joaquim Pedro de Andrade interrompeu o segundo tratamento do roteiro de Macunaíma *para realizar um documentário sobre o cinema novo produzido pela televisão alemã.* Cinema Novo (Improvisiert und Zielbewusst) *foi filmado em 16mm e ficou com 30 minutos de duração. A Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro financiou uma versão brasileira que foi exibida em sessão especial no auditório da Maison de France no dia 4 de setembro de 1967. O filme registra momentos importantes do cinema brasileiro da época: Leon Hirszman e Vinícius de Moraes trabalhando no roteiro de* Garota de Ipanema, *Glauber Rocha lendo pela primeira vez com os atores o roteiro de* Terra em Transe, *Nelson Pereira dos Santos filmando* El Jústicero, *Arnaldo Jabor montando* Opinião Pública, *Domingos de Oliveira pedindo financiamento a um banco para concluir* Todas as Mulheres do Mundo, *o lançamento de* A Grande Cidade *etc.*

A foto acima foi tirada durante as filmagens de uma seqüência na casa de Luiz Carlos Barreto, na Rua 19 de Fevereiro, em Botafogo (Rio de Janeiro). Nela aparecem alguns dos então jovens cineastas da geração do cinema novo. O menino que segura a claquete é Bruno Barreto.

Na frente estão, da esquerda para a direita, Gustavo Dahl, Vinicius de Moraes, uma pessoa não identificada, Carlos Diegues, Glauber Rocha, Thomas Farkas, outra pessoa não identificada e Roberto Farias. Atrás vê-se Alex Viany, Edgar Morin, Ruy Guerra, Leon Hirszman, Walter Hugo Khoury, Jean Rouch, Louis Marcorelles e Paulo Cezar Saraceni (encoberto pelo braço esquerdo de Bruno Barreto).